

Concessão do Oceanário tem de promover a “cultura do mar”

Estrutura nascida na Expo-98 vai ser explorada pela Sociedade Francisco Manuel dos Santos. Peritos esperam que mantenha os grandes eixos de educação e de aproximação do mar à sociedade

Património
Nicolau Ferreira, Lurdes Ferreira

De frente para uma das enormes janelas do aquário central do Oceanário de Lisboa, tudo é azul. Na água passa um tubarão, raias, há um grande cardume. O Parque das Nações e o rio Tejo são substituídos pela cadência hipnotizante daqueles peixes. De repente, surge um ser enorme, estreito de largura, mas quase tão alto como comprido, que surpreende os mirões. Mais adiante, uma placa informa que aquele era um peixe-lua (*Mola mola*). O animal pode atingir três metros de comprimento e pesar mais de duas toneladas. “Deita-se à superfície da água para apanhar Sol”, lê-se ainda a placa, que tem algumas teorias a explicar o comportamento. Estas informações gerais já se misturaram com o espanto de ver o peixe-lua passar, ajudaram a criar memórias.

O que se vive no Oceanário de Lisboa é fruto de uma pesquisa “mais experimental e mais emocional ou poética, do que arquitectónica ou mesmo científica”, explicou Peter Chermayeff, o arquitecto americano autor deste edifício, citado pelo biólogo Mário Ruivo, ex-professor catedrático da Universidade do Porto, que foi consultor científico da Expo-98, num texto de introdução do livro *Peter Chermayeff, Oceanário de Lisboa* de 1998. A estratégia parece ser eficaz.

“O Oceanário foi construído tendo em conta os objectivos da Expo-98 que pretendia promover para a opinião pública que o oceano estava a entrar numa nova fase e que se abria para o futuro da humanidade uma componente do nosso planeta de grande valor”, explica Mário Ruivo, que durante décadas pensou e pensa as questões sobre o mar. “O objectivo do Oceanário, hoje considerado um dos melhores do mundo, era de assegurar a sensibilização dos cidadãos e da opinião pública, a importância do mar e a importância de gerir o mar com base científica, respeitando a qualidade ambiental e

os interesses das futuras gerações.”

Mário Ruivo defende que estes objectivos foram cumpridos nos 17 anos de história da instituição. Segundo vários peritos que o PÚBLICO ouviu, estas funções de divulgação e educativa são vitais, sobretudo numa altura em que o muito provável alargamento da plataforma costeira vai fazer com que 97% de Portugal seja oceano, e que o discurso político promove a aposta no mar. Por isso, a concessão da gestão do Oceanário surpreendeu muitos, principalmente quando a instituição é lucrativa (em 2014 gerou lucros de 1,49 milhões de euros).

Hoje, esta concessão será aprovada em Conselho de Ministros, como previsto pelo ministro da tutela, Jorge Moreira da Silva. A operação passa pela privatização da empresa Oceanário de Lisboa, a qual detém a concessão por 30 anos do equipamento com o mesmo nome. No respectivo diploma das bases de concessão, o Governo refere tratar-se da concessão de um serviço público e estabelece como deveres a gestão do equipamento como aquário público, a promoção de educação e literacia azul e de conservação dos oceanos.

Segundo o Ministério do Ambiente, o encaixe financeiro da alienação das acções foi de 24 milhões de euros, a que acresce o valor da concessão do equipamento por 30 anos, um montante que não divulgou até agora. A sociedade Francisco Manuel dos Santos, maior accionista do dono do Pingo Doce, foi a vencedora do concurso de privatização/concessão e vai gerir o Oceanário através de uma nova fundação, a Fundação Oceano Azul.

Instituição de bandeira

“O regime de concessão deve acautelar ao máximo a responsabilidade social pública que o Oceanário vinha assumindo e deve continuar o eixo educativo, porque essa é a questão fundamental”, diz por sua vez Álvaro Garrido, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, que foi director do Museu Marítimo de Ílhavo e agora é consultor do museu, que diz não conhecer o caderno de encargos.



O vencedor da privatização/concessão gerirá o Oceanário através da nova Fundação Oceano Azul

“Tenho muita dificuldade em compreender como é que um equipamento destes pode ser privatizado. Sou radicalmente contra”, defende o investigador, apontando que o discurso político de promoção do mar “não tem uma tradução cultural nem espessura educativa, e instituições como o Oceanário têm feito isto, no privado não sei se [este trabalho] vai continuar”.

De acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM, sigla em inglês), um museu é “uma instituição permanente não lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e exhibe a herança tangível e intangível da humanidade e o seu ambiente, através da educação, do estudo e do divertimento”.

Apesar de o Oceanário não pertencer ao ICOM nem estar dentro da ideia canónica de um museu, Luís Raposo, vice-presidente da ICOM Europa e arqueólogo do Museu Nacional de Arqueologia, defende que aquela é uma instituição que se enquadra neste conceito. “A minha impressão é que o Oceanário é muito afim a um museu”, defende, apontando para o seu lado divulgador e educacional nos assuntos do mar.

Para o arqueólogo, instituições como o Museu Nacional de Arte Antiga ou o Oceanário são “quase instituições de bandeira”, diz. “Parece-me impensável que sejam privatizados ou concessionados os grandes museus nacionais com os tesouros do país.” O perito espera que a concessão não atire o Oceanário para o mundo dos parques temáticos, com o objectivo estritamente lucrativo. “Não é necessário que seja assim. É preciso conhecer o caderno de encargos”, refere. “Tem de se acautelar o interesse público.”

O edifício do Oceanário é uma espécie de paralelepípedo. Além do enorme aquário central que ocupa o interior, nos cantos estão aquários mais pequenos que representam os oceanos Atlântico, Pacífico, Índico e Ártico. Podem-se ver lontras, pingüins, estrelas-do-mar, anémonas,

Para além do aquário central, o Oceanário tem pequenos aquários nos quatro cantos a invocar os oceanos

24

milhões de euros é quanto o Estado recebe pela venda das acções da sociedade que detém a concessão do Oceanário. Acresce o valor da concessão

DANIEL ROCHA



bacalhaus, polvos, peixes de muitas cores. Mas o conceito tutelar da exposição é que existe apenas um grande e único oceano em toda a Terra, e é preciso conservá-lo.

No piso superior do edifício, uma pequena sala dá alguma informação. “Mais de 40% dos oceanos do planeta estão sujeitos a um impacto humano elevado, restam muito poucas áreas intocadas”, lê-se. Ao mesmo tempo, ouve-se a voz de Carl Sagan, num dos episódios da série original do *Cosmos*, a lembrar que, muito provavelmente, ninguém virá salvar o nosso planeta azul.

“O Oceanário começa por mostrar a diversidade e a complexidade da vida marinha e ao mesmo tempo a diversidade ligada às regiões oceânicas. O oceano está sob pressão das sociedades humanas e dos sectores económicos baseados no mar

e requer uma gestão com base no conhecimento científico e técnico que assegure que os seus recursos e funções são mantidos através dos ecossistemas”, explica Mário Ruivo. “Quando olhava para o futuro [do Oceanário], acho que [ele] poderia continuar a ser um instrumento auto-suficiente ao serviço da cultura do mar, de uma política do mar nacional e não sujeita a outras oscilações”, refere ainda, preferindo não comentar o tema da concessão.

Nas paredes que vão dar ao grande aquário, aqui e ali, há partes de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen. Os versos de *As ilhas III*, parecem especialmente apropriados: “Aqui desceram as âncoras escuras/daqueles que vieram procurando/ o rosto real de todas as figuras/ e ousaram – aventura mais incrível –/ viver a inteireza do possível.”

4 PERGUNTAS A JULIE PACKARD

Julie Packard, bióloga marinha, é directora executiva e vice-presidente do conselho de curadores do Aquário de Monterey, Califórnia, EUA. É uma das suas fundadoras e o rosto da sua liderança. Explica como Monterey é hoje considerado o melhor aquário do mundo e o que encontrou quando visitou o Oceanário de Lisboa.

Como cientista e bióloga marinha, qual o principal desafio de gestão de um aquário de topo mundial, considerado o melhor do mundo?

O maior desafio é o mesmo de qualquer negócio: oferecer um excelente produto que é valorizado pelos clientes. Para um aquário público, isso significa a manutenção de exposições de primeira qualidade e a oferta ao cliente de uma experiência superlativa. A nossa missão vai para lá da experiência de visita do aquário, temos de garantir que somos líderes nos programas educacionais que oferecemos, de modo a que possamos cultivar, entre os jovens que marcarão o mundo no futuro, uma nova geração de líderes ambientalistas da conservação do oceano com conhecimento científico. Somos cada vez mais activos na área da política dos oceanos, assegurando que a ciência informa a acções dos decisores políticos, de modo à política pública apoiar um futuro com oceanos saudáveis.

O que distingue o Aquário de Monterey de outros do mundo?

Inicialmente, éramos os únicos entre os maiores aquários por causa das nossas exposições permanentes completamente focadas na vida marinha das águas da nossa região. Fomos a primeira grande instituição a escolher este tema. Os biólogos marinhos que ajudaram a fundar o aquário sabiam que a baía de Monterey tem uma diversidade incrivelmente rica de animais, plantas e ecossistemas que o público desconhecia.

Abraçamos novos desafios desde a abertura — procurando

perspectivas para apresentar novas histórias sobre animais e oceanos aos visitantes através das nossas exposições ao vivo. Fomos os primeiros a criar exposições de alforrecas em grande escala; os primeiros a ter um programa regular de novas exposições temporárias; os primeiros a ter uma exposição da diversidade de vida no oceano aberto que cobre a maior parte do nosso planeta. Continuamos a assumir desafios e a oferecer exposições temporárias, como a que temos actualmente, *Tentáculos*, que mostra a variedade de cefalópodes, incluindo polvos, lulas e náutilos.

Além das nossas exposições vivas, é nossa missão inspirar o público e os decisores a agirem em defesa de oceanos saudáveis — e ter sempre a certeza de que os nossos esforços se baseiam no melhor conhecimento científico disponível. Encorajamos as instituições congéneres, enquanto plataformas públicas de atracções populares para os visitantes, a liderarem a mudança e tornarem-se mais activas em defesa da conservação dos oceanos nas suas próprias comunidades. Os oceanos necessitam da nossa ajuda e os aquários têm uma especial responsabilidade como líderes da conservação dos oceanos.

O Aquário da Baía de Monterey tem um conceituado programa de conservação



COREY ARNOLD/MONTEREY BAY AQUARIUM

dos oceanos e de educação. Poderia fazer o mesmo se fosse uma instituição privada [visando o lucro]?

Acredito que é muito mais fácil ser líder da conservação do oceano, ciência e educação como organização não lucrativa. Muitas organizações lucrativas fazem um trabalho louvável face aos seus compromissos de responsabilidade social, mas em última análise a sua prioridade é o retorno do investimento para os seus proprietários e accionistas.

A nossa primeira prioridade é inspirar a conservação dos oceanos. Acredito que os aquários devem focar-se de forma especial na educação pública e na ciência em defesa da conservação e uma estrutura não lucrativa permite dedicar-se claramente ao benefício público. No caso da nossa instituição, temos uma missão claramente de bem social — oceanos saudáveis para as pessoas e para a vida selvagem — e avançamos na conservação dos oceanos através de uma série de excelentes programas. Em troca, o nosso impacto tem crescido todos os anos e temos atraído pessoas, empresas e fundações a partilhar as nossas aspirações.

Já visitou o Oceanário de Lisboa, considerado o segundo melhor do mundo?

Visitei-o e é um equipamento excelente. As exposições são muito bem concebidas, bem cuidadas. Tem investido continuamente em novas experiências para o público. Impressionou-me especialmente a atenção que dá a importantes mensagens da conservação em relação aos animais e aos habitats que mostram. Concebeu vias muito interessantes e eficazes de passar a mensagem. O CEO João Falcató é largamente respeitado na nossa área e está a fazer um trabalho incrível. Os meus parabéns à equipa por ser a número dois no mundo — trabalhou muito para receber esta honra, muito merecida!

Lurdes Ferreira

NEGÓCIO APROVADO HOJE NOVA FUNDAÇÃO VAI GERIR O OCEANÁRIO DE LISBOA

Ciência, 30/31



Concessão à sociedade Francisco Manuel dos Santos, maior accionista do dono do Pingo Doce, é votada hoje pelo Governo